

JORNAL: O Jornal LOCAL: Guarabara
DATA: 06/11/1966 AUTOR: Flávio Eduardo
TÍTULO: René Lúcio, Gravador
ASSUNTO: René Lúcio - aluno de Ivan - visto por
Flávio Eduardo.

René Lúcio, Gravador

René Lúcio foi durante muitos anos aluno de Ivan Serpa, no Museu de Arte Moderna. Começou a pintar praticamente quando começou a falar. O treino formal com Ivan veio ao 14 para 15 anos e se limitava a algumas dissertações do pintor ante o trabalho que mostrava — e que nunca sofreu, ao que sabemos, nenhuma modificação a partir dessas dissertações. Foi pouco depois que realizou uma exposição no próprio Museu, com bom índice de venda — o “connoisseur” de arte José Carlos Cabral é um dos que adquiriram gravuras nessa época. René Lúcio parecia um gravador em plena ascensão, e era certamente um dos mais cotados entre os gravadores mais conhecidos — basta dizer que uma fase substancial de Martha Alencar sofreu influência direta sua. Mas uma série de complicações pessoais, nessa altura de acontecimentos, o levaram a abandonar aos poucos toda atividade produtiva, inclusive a gravura. René passou vários anos sem trabalhar. No meio de gravadores, foi considerado um artista “extinto”, e começou a caça às suas gravuras, que adquiriram um valor enorme pela raridade. A reação veio aos poucos. René recomeçou a trabalhar há pouco tempo, abandonando todos os temas primitivos e preferindo fazer ilustrações para livros, fantoches para teatro, e coisas assim. Atualmente está trabalhando durante o dia

e gravando — ainda pouco — a noite, quando chega em casa. O seu estilo está bastante mudado, quase transparente, sem a densa carga emotiva da primeira fase, mas com uma elegância que poucos gravuristas modernos podem reivindicar.

Conhecemos a gravura de René por acaso, em casa de Martha Alencar. Logo nos chamou a atenção uma série de gravuras em que era forte o elemento mórbido e onírico com um corte todo peculiar que não lembrava o trabalho de ninguém conhecido. Foi Martha quem nos deu os primeiros dados da verdadeira lenda que tem se formado — numa área restrita, é claro — em torno de René. Disse entre outras coisas que ele havia deixado de lado a gravura, o que parecia uma pena. As gravuras dele que tinha, Martha guardava com ciúme incrível, mal deixando que outras pessoas as olhassem.

Resolvemos procurá-lo, o que não deu certo. Todos os endereços dados davam uma resposta negativa, ou a notícia de mudança. Foi só muito mais tarde que Murilo Alencar nos deu o endereço certo. Conhecemos René Lúcio pelo telefone, e com um pedido: “desenterrar” toda a produção antiga “Não sei”, respondeu, “seu preferia não tocar mais naquelas gravuras. Elas estão guardadas num saco, na casa de uns parentes, no Leblon”. Marcamos

encontro e René apareceu: um rapaz magro, de óculos, bastante acanhado, israelita de religião, uma imaginação muito viva e um certo medo das pessoas. Passada a primeira impressão, no entanto, seu comportamento se descontrai: gosta, então, de inventar os apelidos mais estranhos para os seus amigos e amigas, que em geral criam uma certa confusão, porque ninguém conhece êsses apelidos e René acha que todos devem conhecer... Outro traço característico seu é a tendência a poetizar a realidade, misturando livremente as coisas que existem com invenções suas. Uma vez telefonou para uma amiga sua que trabalha num banco. Quando atenderam, disse que queria falar com — e usou de novo um dos seus apelidos pessoais — a “Nena”. “Mas quem é a Nena?” perguntou o funcionário do banco, atrapalhado. “É uma amiga minha”. O funcionário, vendo que não conseguia nada assim, pediu que René descrevesse os traços físicos da moça. René respondeu: “Ah... ela é linda. Ela tem os cabelos verdes e os olhos vermelhos. Ela parece uma fada...”

Ao desenterrar as antigas gravuras, no Leblon, René deu algumas explicações que clarearam a temática de algumas gravuras suas. Essa temática sempre nos fora um enigma: havia nelas, de fato, a sugestão de uma história, ou de um ciclo de histórias, mas embora houvesse nelas um toque de familiaridade, era difícil situar a fonte. Mas a fonte era óbvia: a Bíblia. «Na cerimônia de iniciação judaica você decora toda uma passagem da Bíblia e a recita de memória. Eu tentei duas vezes e falhei. Foi só na terceira que consegui realizar a prova”. Foi assim que, através de uma quase coincidência, se tornou um verdadeiro conhecedor do velho testamento. E os temas aparecem: a arca de Noé, os profetas, a queda do paraíso, e muitos outros.

Desligado finalmente do estilo que o tornou conhecido aos 16 anos, René está agora reinventando a sua gravura. Não sabe muito bem que temas tomar, e por enquanto prefere trabalhar sobre temas alheios: o que está desenvolvendo, afinal de contas, é uma nova técnica e é nela que precisa se concentrar. Quanto à dificuldade de reencontrar um público interessado, voltar a expor, enfrentar as críticas dos que gostariam que fosse sempre o mesmo, René diz, com um típico sorriso oblíquo: “Não tem importância...”

A verdade é que existe nele, num potencial cada vez mais declarado, um dos melhores gravadores novos contemporâneos.



René Lúcio — Gravura — 1963



Flávio Eduardo

○ JORNAL
6-11-66